

NEGOCIAÇÃO DA DÍVIDA EM 30 DIAS

O anúncio foi feito ontem por Sarney em Montevideu. Ele vai aguardar o plano Bresser.

Dentro de 30 dias, o Brasil iniciará a renegociação de sua dívida externa com os credores. A informação foi dada ontem pelo presidente José Sarney, em Montevideu, em entrevista coletiva da qual também participaram os presidentes Raúl Alfonsín, da Argentina, e Julio Maria Sanguinetti, do Uruguai, ao final de um encontro reservado que mantiveram no Palácio Libertad, para análise do endividamento externo de seus países e de outros temas de interesse comum. De acordo com Sarney, "trinta dias é o prazo que nós precisamos para determinar a proposta que ofereceremos aos nossos credores". Não quis, no entanto, antecipar a proposta, "pois isso iria servir aos próprios credores". Perguntado ainda pelo JT e O Estado sobre até quando pretende manter a moratória, Sarney acrescentou: "Nós vamos iniciar a negociação. Evidentemente, quando ela for concluída, nós saberemos de que modo iremos realmente fazer o nosso acordo sobre a dívida".

A apresentação das propostas aos credores externos está na dependência do plano de ajuste da economia que está sendo elaborado pelo ministro Bresser Pereira, da Fazenda, e que, segundo o porta-voz da Presidência, Frota Neto, poderá ser entregue ao presidente Sarney nos próximos 10 a 15 dias, devendo, então, ser imediatamente divulgado.

O ministro Bresser, em rápido contato com a imprensa, não quis revelar em quantos dias concluirá a definição das medidas de ajuste, observando unicamente que terá de acelerá-las, já que o presidente havia estabelecido um prazo de 30 dias para o início das negociações com os credores.

As autoridades presentes ontem em Montevideu não anteciparam qualquer medida que deva ser implementada, e o ministro Bresser Pereira voltou a informar que seu plano de "ajuste macroeconômico" utilizará "conceitos do FMI, mas muito diferentes do FMI, estabelecendo um objetivo de crescimento econômico e objetivos de superávit comercial".

Descartou, no entanto, "a possibilidade de nova mididesvalorização do cruzado como forma de aumentar os incentivos às exportações", com o porta-voz da Presidência também acrescentando: "Isto colocaria desordem no processo", mas revelou que a intenção do governo é "continuar com uma política de câmbio realista".

Para Frota Neto, o novo plano de ajuste deverá prever muita autoridade e controle dos gastos públicos, além da manutenção do crescimento da economia, a uma taxa média para o PIB de 3,5%, como é a intenção do ministro Bresser Pereira. O porta-voz da Presidência acrescentou que o presidente Sarney está muito preocupado com a desaceleração da economia e, portanto, deverão ser adotadas medidas — que não explicitou — de estímulo à realização de novos investimentos produtivos e à ampliação da poupança interna. Segundo ele, o plano do ministro Bresser Pereira deverá "clarear o horizonte", para que os empresários possam ter segurança nas definições de seus investimentos.

Enquanto isso, o ministro Bresser Pereira procurava ontem esclarecer as informações publicadas na imprensa, segundo as quais ele não submeteria seu plano de ajuste ao PMDB. "O que eu disse é que estou sempre consultando o PMDB, estou sempre consultando o PFL, tenho reuniões permanentes com deputados e senadores do PMDB e PFL. O que eu disse é que vou apresentar o plano ao presidente Sarney. Ele é que vai aprovar o plano. Não será nem o PMDB e nem o PFL."

Francisco Oliveira, de Montevideu.

Cibre: menos importação.

Já em junho o governo reduzirá em 2 mil toneladas mensais o fornecimento de cobre importado para a indústria brasileira fazendo a disponibilidade interna cair de 24 para 22 mil toneladas ao mês. Ao confirmar ontem a medida, o presidente do Sindicato da Indústria de Condutores Elétricos e Metais Não-Ferrosos, Sérgio Roberto Ugolini, adiantou que se a produção de itens nos quais o cobre é insumo básico continuar caindo, será possível redistribuir as cotas menores entre as empresas.

Foi com esse objetivo que 50 empresários estiveram reunidos ontem à tarde na sede do Sindicel (Sindicato da Indústria de Condutores Elétricos) — para estudar os reflexos do corte das importações de cobre no setor. Ugolini garantiu que, pelo menos por enquanto, dois fatores atenuam o impacto da medida: a formação de estoques de cobre nas indústrias devido à demanda acelerada gerada pelo Cruzado e a queda do nível de atividade das empresas nos últimos meses, com perspectivas de aprofundamento daqui para frente.

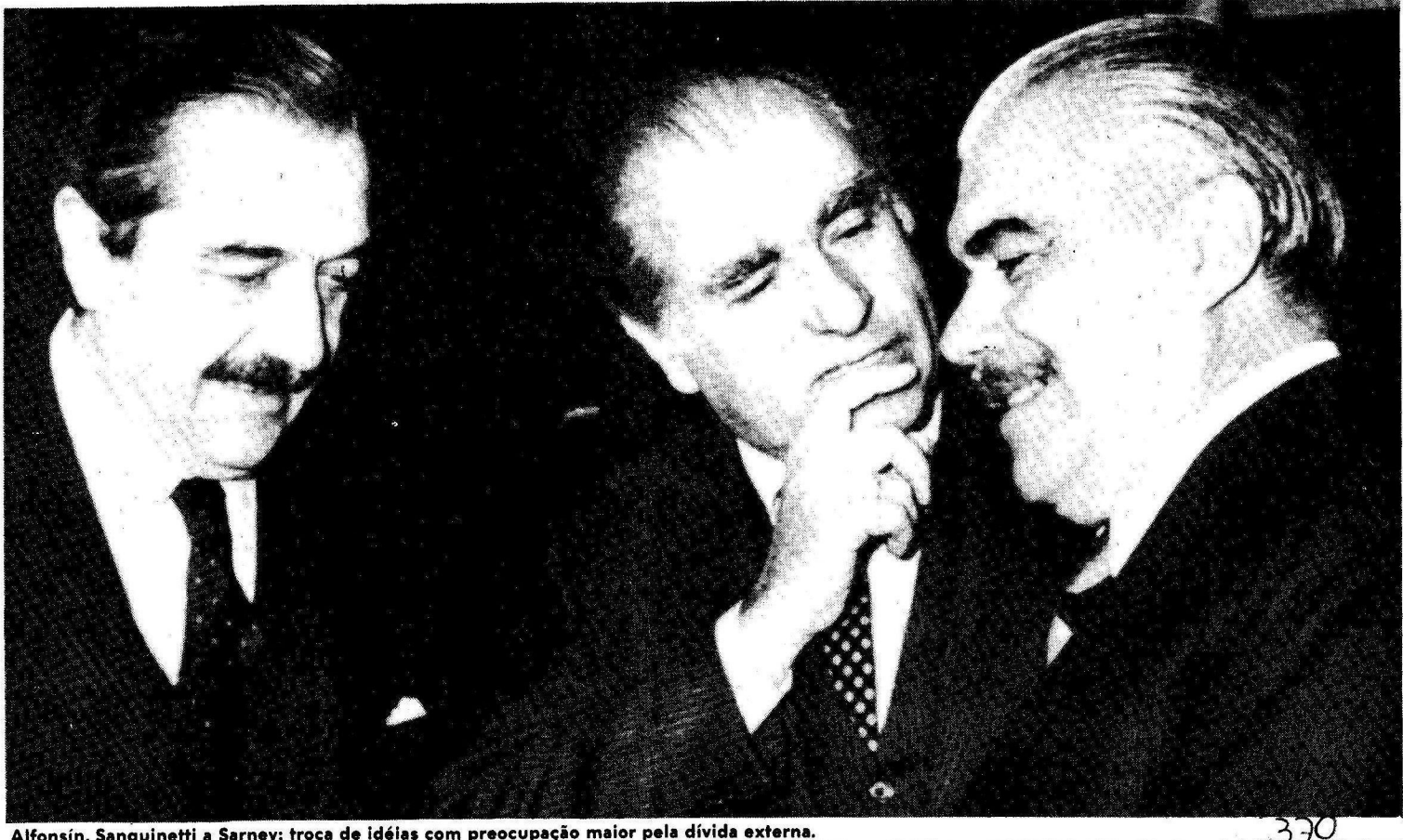
Ao reconhecer que a decisão do governo não agradou os empresários, Ugolini ressaltou que se este quadro de desaquecimento da economia persistir, as indústrias do setor irão se adaptar rapidamente a retração da oferta do cobre importado. Lembrou que o consumo médio de cobre nos últimos seis meses estava no patamar das 24 mil toneladas-mês, praticamente, metade produzido aqui no Brasil pela Carabi Metais e metade importado.

Uma ameaça: parar.

A termomecânica São Paulo S/A, uma das principais produtoras de componentes em cobre e zinco para a indústria automobilística, anunciou ontem a seus clientes que deverá interromper segunda-feira a produção de sua fábrica em São Bernardo do Campo, em protesto contra a falta de definições da política econômica do governo. O presidente da empresa, Salvador Arena, ainda não definiu de que forma ordenará a paralisação e nem o período em que a produção permanecerá suspensa. Prefere definir a estratégia no final de semana, quando publicará um manifesto nos jornais. Em princípio, pensa em conceder férias coletivas aos seus 2.400 operários.

Salvador Arena disse que "atualmente não temos matéria-prima (cobre) para darmos continuidade à produção, e as importações sofrem enormes restrições. Então, quando se fala que o País apresentou um superávit de US\$ 500 milhões não é mais que o resultado do arrocho das importações".

Também a defasagem cambial brasileira inviabiliza os negócios externos da Termomecânica. "Já deixamos de exportar e, se agora não podemos produzir para o mercado interno, então o melhor é parar a fábrica", disse Salvador Arena. Para ele, a falta de um plano de governo desorienta o empresariado nacional. "Não sabemos com que realidade teremos que trabalhar, se com inflação a 800% ou a 1.200%. O governo precisa definir as regras do jogo", disse.



Alfonsín, Sanguinetti a Sarney: troca de idéias com preocupação maior pela dívida externa.

Procurando facilitar as negociações com o Clube de Paris no final do ano passado, a equipe do então ministro Dilson Funaro adulterou os números das importações feitas pelo País durante o ano para apresentar um superávit comercial maior e que não correspondia à realidade. A denúncia, confirmada ontem em Montevideu por alta autoridade do governo em contato exclusivo com o JT foi revelada a princípio, em suas linhas gerais e sem maiores detalhes pelo porta-voz da Presidência da República, Frota Neto, na manhã de ontem em Montevideu, e confirmada pelo diretor da Cacex, Namir Salek, para quem, no entanto, a diferença agora constatada teria se originado unicamente por problemas de "digitação" na Receita Federal.

De acordo com as fontes do Palácio do Planalto, a intenção seria lançar aos poucos os dados sobre os acontecimentos que resultaram na montagem de informações falsas para o Clube de Paris. Mas uma alta fonte do governo acabou confirmando que a montagem foi de responsabilidade do Ministério da Fazenda, e previa ainda uma forma de compensação contábil este ano, pela Receita Federal, o órgão encarregado de levantar os dados efetivos da balança comercial. Pelo plano, enquanto no ano passado os números oficiais indicaram importações menores que as efetivamente ocorridas (pouco mais de US\$ 12 milhões), este ano os números oficiais deveriam ficar em níveis superiores aos reais até a compensação do valor adulterado que, segundo uma fonte da Cacex, varia entre US\$ 800 milhões e US\$ 1 bilhão.

O porta-voz Frota Neto disse que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, é que teria os números exatos da "maquiagem", mas Bresser, embora de certa forma tenha admitido a existência do problema, não revelou números. Pediu que se falasse com o diretor da Cacex, Namir Salek, que por sua vez, confirmou a existência de diferenças, mas não forneceu dados. Disse apenas que neste ano a importância considerada a mais foi de US\$ 80 milhões — significando que as importações anunciadas oficialmente ultrapassavam US\$ 80 milhões o que efetivamente foi importado. Mas explicou que os números do superávit comercial anunciados por ele anteontem já estavam com todos os ajustes necessários.

Altas fontes do governo disseram ainda ao JT que a fraude contra o Clube de Paris e contra as próprias contas nacionais foi denunciada por técnicos da Receita Federal a Bresser Pereira assim que ele assumiu o Ministério da Fazenda, não tendo sido necessária qualquer auditoria especial nas contas e nos números oficiais divulgados antes pelo ministro Funaro e por sua equipe. Estes, no caso das importações feitas em 1986, anunciaram compras de pouco mais de US\$ 12 bilhões, quando, na realidade, haviam superado US\$ 13 bilhões.

Perguntado sobre a fraude na entrevista que concedeu à imprensa brasileira na Embaixada do Brasil ontem à tarde, o presidente José Sarney observou que, "se houve alguma maquiagem, ela não prejudicou o País de nenhuma maneira". Prometeu apurar a denúncia se esta chegar ao seu conhecimento, dizendo: "Se houve irregularidades nós investigaremos até o fim. Como dizemos no Nordeste, iremos até onde o vento perdeu o cisco, para esclarecer tudo".

Isabel Hammes, de Montevideu.

Belluzzo: "Não sei de nada".

O ex-chefe da Assessoria Econômica da Fazenda, Luiz Gonzaga Belluzzo, disse que só ontem à noite soube que o quadro das importações fora alterado para menos. Declarou que, se a "maquiagem" existiu, caberia a Namir Salek, um dos diretores da Cacex na época, dar as explicações.

Nova economia, um sonho.

A idéia predominante nas discussões sobre o endividamento externo dos países em desenvolvimento era reestruturar a economia das nações devedoras, injetando novos empréstimos, para que conseguissem maior crescimento. Mas agora, depois do passo dado pelo Citicorp, seguido do Norwest e do Chase Manhattan, a coisa mais parece um sonho. A menos que se possa desenvolver um novo método de mobilizar recursos oficiais e trabalhar mais estreitamente com os devedores.

Com a decisão de aumentar em US\$ 3 bilhões suas reservas para empréstimos não saldados e assumir uma perda de US\$ 2,5 bilhões no segundo trimestre, o Citicorp afetou dramaticamente as posições de todos os envolvidos na crise da dívida global, observa Leonar Silk, comentarista do The New York Times. Segundo ele, a repercussão sobre outros bancos foi variada. Algumas instituições encontrarão dificuldades para seguir o exemplo do Citicorp e diminuir os lucros. Outros bancos receberam bem a medida. As ações bancárias vinham caindo, em comparação com qualquer referência concebível: lucros, valor contábil, o que quer que seja. Por isso, o mercado acionário reagiu favoravelmente, pois prefere que os bancos estejam à altura de fazer face às perdas com empréstimos ao Terceiro Mundo.

Os bancos que fizeram grandes empréstimos aos países em desenvolvimento estão em posição mais forte ou mais fraca para negociações?

As opiniões estão divididas. Alguns banqueiros sentem que os devedores já não podem "apoiá-los", mas outros pensam que agora os termos de negociação irão partir de um novo nível, mais baixo, assumindo os devedores o fato de que, realmente, seus empréstimos já estariam contabilmente eliminados e que eles não deveriam esperar o pagamento de juros sobre as quantias originais pendentes.

Há dúvidas de que a cooperação entre os bancos credores poderá manter-se depois do passo dado pelo Citicorp, prevenindo-se uma mais ampla cisão entre os bancos que foram fortalecidos e os que estão enfraquecidos. Um banqueiro acha que levará pelo menos algumas semanas para que se constate se o "cartel dos banqueiros" e o processo de negociação se romperam ou não.

Um banqueiro de investimento disse que o Citicorp havia posto "o último prego no caixão" do Plano Baker, que representava uma continuação da estratégia seguida pelos países industriais e pelo FMI desde 1982, enfatizando a reestruturação da economia das nações tomadoras.

Revelação:
Funaro foi ao Clube de Paris com uma grande mentira em sua pasta.